



O livro de Copérnico, vendido por US\$ 2,2 milhões: fora do mercado havia décadas

O preço da velha ciência

Livros científicos raros alcançam milhões de dólares em leilão nos Estados Unidos

NELSON MARCOLIN

A ciência foi a leilão e, surpreendentemente, conseguiu quase o dobro do preço esperado pelos especialistas. No caso, leia-se por ciência 346 livros ou coleções de artigos de cientistas que criaram ou revolucionaram o conhecimento científico do século XVI ao XX. Quase todos os lotes foram vendidos no dia 17 de junho pela casa de leilões Christie's, de Nova York. A jóia da coroa era um exemplar fora do mercado havia muitas décadas, *De revolutionibus orbium coelestium* (*Sobre a revolução dos corpos celestes*), do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543), publicado prudentemente no ano de sua morte, depois de duas décadas de trabalho. Nele Copérnico tirou a Terra do centro do Sistema Solar e colocou pela primeira vez o Sol no seu lugar. A cópia é uma primeira edição do século XVI e fazia parte da biblioteca de história da ciência do médico norte-americano aposentado, astrônomo amador e colecionador diletante Richard Green. A Christie's esperava conseguir até US\$ 1,1 milhão pelo livro, mas ele foi arrematado por US\$ 2,2 milhões, um recorde. A arrecadação total passou em muito a expectativa inicial de US\$ 6 milhões – alcançou US\$ 11 milhões por 289 lotes vendidos.

Arte de navegar, do espanhol Pedro de Medina (1493-1567), foi o segundo livro mais valioso vendido no leilão, por US\$ 578 mil. Trata-se da primeira edição do



primeiro manual prático de navegação. O terceiro mais caro (US\$ 506 mil) foi o opúsculo de Galileu Galilei (1564-1642) *Le operazioni del compasso geometrico, et militare*, em que descreveu o modo pelo qual o compasso podia ser usado sem pena, papel ou ábaco. Depois veio *Harmonices mundi libri V* (US\$ 362 mil), de Johannes Kepler (1571-1630), no qual expõe sua teoria sobre a harmonia do Universo. E o quinto lote mais caro vendido (US\$ 314 mil) entre os 289 foi uma coleção de 130 separatas de Albert Einstein (1879-1955), escritas entre 1900 e 1925, que incluem artigos sobre as teorias quântica de campos, a geral da relatividade e a de campo unificada.

Qual o motivo de se gastar tanto dinheiro em

um objeto conhecido e reproduzido há centenas de anos, além do valor histórico da obra? Talvez o fetiche por uma primeira edição que pouquíssimos têm? Ou é apenas um investimento em algo



que não se desvaloriza? Quando se trata de alguém declaradamente apaixonado por edições antigas, como o bibliófilo José Mindlin, a resposta é mais fácil. Ele não entra em leilões milionários e vem garimpando seus exemplares com extrema paciência ao longo de muitas décadas. Quem já visitou sua biblioteca conhece o cuidado que cerca todos os livros, dos valiosos aos mais simples.

Mas não é o que ocorre com os atuais compradores de livros raros e obras de arte. A avaliadora Margarete Cardoso, especialista do mercado brasileiro de livros raros da Livraria Rio Antigo, do Rio de Janeiro, conta que a tendência é essas obras se tornarem cada vez mais raras porque são compradas por museus e empresas – como aconteceu com a maioria dos livros de Richard Green –, que não revendem. “Quando aparecem livros como os levados a leilão o preço dispara”, diz Margarete.



Obras de Medina (esq.), Kepler (acima), Galileu (abaixo, à esq.) e equações de Einstein: agora em poder de museus e empresas

